Crítica // Josephine — Fragmentos de um crime ★★★★

Um choque de realidade

Ricardo Daehn

RETRATO FILMES/ DIVULGAÇÃO



Cenas de um pesadelo: Josephine: Fragmentos de um crime

Cada vez mais radiante no circuito de premiações, a trajetória da cineasta Beth de Araújo (formada em sociologia e artes plásticas), em 2026, acumula grandes feitos, com o filme Josephine — Fragmentos de um crime. Para além de estar qualificado como finalista no Gotham Awards (do circuito independente), nas categorias de melhor filme, melhor coadjuvante (Channing Tatum) e melhor atuação revelação (Mason Reeves), o longa disputou o Festival de Berlim, ao lado de Rosebush pruning (do cearense Karim Aïnouz), e rendeu à diretora (americana, filha de brasileiro) um destaque como Realizadora a ser Observada no Festival de Palm Springs.

Josephine, consagrado no Festival de Cinema de Sundance (venceu o Grande Prêmio do Júri, no segmento de filme dramático e arrebatou o prêmio do público), traz a discreta participação de Gemma Chan (Podres de ricos) no papel da mãe da protagonista interpretada por Mason Reeves. Um elemento muito ríspido sabota o desenvolvimento natural da infância de Josephine: com o pai distanciado dela, num parque (em que corriam), ela testemunha um estupro. O grande mérito de Beth de Araújo está em não dourar a pílula: nada de caminhos lúdicos a nortearem Josephine.

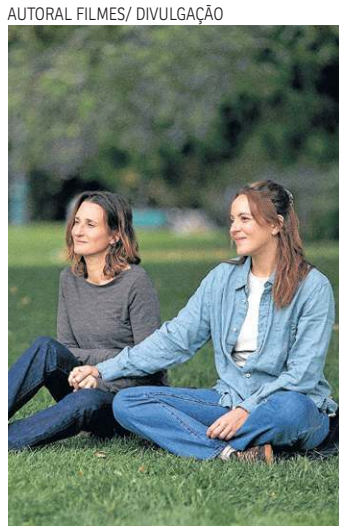
Tal qual ela ficam os pais, incapazes de tratarem diretamente o trauma da menina. Um conteúdo altamente sensível é tratado sob a responsabilidade de um adulto. Não são necessárias muitas palavras para que o espectador adentre a dor na fissura comportamental da personagem. Junto com a onipresença do criminoso no dia a dia dela (sob um efeito visual cênico perturbador), Josephine dinamiza com uma desordenação mental, que reforça o fato de ter apenas 8 anos e ainda é cobrada, nas atitudes, com certa expectativa de líquida e certa maturidade. Vale o reforço de que o Gotham Awards (no qual o filme compete) apontou indicados ou vencedores do Oscar do porte de Tudo em todo lugar ao mesmo tempo, Vidas passadas e Uma batalha após a outra.

Caminhando contra o vento

Diretor de As bandeiras de papel, o francês Nathan Ambrosioni volta ao tema da maternidade e de modernos traços de família, com um filme estrelado por Camille Cottin (com quem ele havia trabalhado no recente Eu e a minha família): As crianças estão bem. O novo longa esteve em Karlovy Vary, num festival tcheco de cinema em que conquistou premiações de direção e ainda foi destacado pelo Fipresci (distinção da imprensa especializada).

No longa, Cottin interpreta Jeanne, que é surpreendida pelo aparecimento de Suzanne (Juliette Armanet), uma irmã algo distante. Dois sobrinhos pequenos também despontam na visita, para, na manhã seguinte, se verem distanciados da mãe que decide sumir. Junto com a responsabilidade de cuidar dos pequenos parentes, Jeanne se prende à fixação de entender o comportamento da irmã.

AUTORAL FILMES/ DIVULGAÇÃO



Cena do drama francês As crianças estão bem

Diversidade à toda prova

Uma leva de seis filmes estará integrada à programação da 22ª Mostra de Cinema Europeu em cartaz no Cine Brasília (EQS 106/107), neste fim de semana. Com entrada franca, será possível conferir hoje, às 18h, o documentário Walchensee forever (Alemanha) que trata do emaranhado de questões de identidade formados a partir da unidade relacionada à região bávara. Às 20h, a atração é Travessura, do italiano Mario Martone.

Amanhã, às 18h, estará em cartaz a animação O rei e o pássaro, clássico de Paul Grimault. Às 20h, o brasileiro Leoanrdo Mouramateus revela Greice filme que rodou em Portugal. No domingo, há dobradinha na programação: às 18h, Jippie no more (Países Baixos) apresenta conflitos do jovem Jaap Peter, entregue aos ventos do primeiro amor, e às 20h, o sueco The dance club, de Lisa Langseth, mostra inovações pretendidas por um estagiário que responde por ala psiquiátrica de uma clínica.